

## ENSINO DE FILOSOFIA: DIFICULDADES E AVANÇOS NO ENSINO BÁSICO

## TEACHING OF PHILOSOPHY: DIFFICULTIES AND ADVANCES IN BASIC EDUCATION

*Ediel dos Anjos Araújo<sup>1</sup>*  
*Danillo Matos de Deus<sup>2</sup>*  
*Simey Fernanda Furtado Teixeira<sup>3</sup>*  
*Wayner de Andrade Lima de Aguiar<sup>4</sup>*  
*Ângelo Rodrigo Bianchini<sup>5</sup>*

Recebido em: 05/2018  
Aprovado em: 07/2018

**Resumo:** O presente trabalho visa apresentar um panorama sobre as dificuldades enfrentadas no ensino de filosofia. Podemos pensar, nesse sentido, que a formação inicial dos professores de filosofia é fundamental no desdobramento de sua prática, pois, como reflete Cerletti (2009), o professor de filosofia é construído dentro de uma academia e sob o processo de uma vida acadêmica, e é essa formação que, inicialmente, será o motor para a vivência em sala de aula, e não um fantasma a assombrá-lo, se a teoria for divorciada de sua prática, como pontua Ulhôa (1988). Segundo Arendt (2016), a passagem das novas gerações pelas salas de aula não lhes possibilita fazerem parte, no futuro, de um espaço público compartilhado por outras pessoas que interagem através de relações harmoniosas. Consideramos ser oportuno pensar a construção de um ambiente favorável ao ensino filosófico, através da busca pela experiência da alteridade, por meio do conceito de Empatia proposto por Edith Stein (1964), e como consequência deste movimento em direção à experiência do Outro, possibilitar um ensino filosófico que motive os estudantes com o entusiasmo da vivência filosófica. Propomos também, neste artigo, pensar sobre os avanços no ensino de filosofia, à luz do uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Visto que, no contexto das relações sociais modernas, a internet é, ou se torna, uma importante ferramenta na construção dessas novas vivências.

**Palavras-Chave:** Formação de Professores. Ensino de Filosofia. Relações Sociais. TIC.

**Abstract:** The present work aims to present an overview of the difficulties faced in the teaching of philosophy. We can think in this sense, that the initial formation of philosophy teachers is fundamental in the unfolding of their practice, because as Cerletti (2009) reflects, the philosophy teacher is built inside an academy and under the process of an academic life, since it is this training will initially be the engine for classroom experience, not a ghost to haunt it if the theory is divorced from its practice, as Ulhôa (1988) points out. According to Arendt (2016), the passage of new generations through classrooms does not allow them to be part of a public space shared by other people interacting in the future through harmonious relationships. We consider it opportune to think

<sup>1</sup> Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA. Email: [araujo\\_ediel@yahoo.com.br](mailto:araujo_ediel@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA. Email: [danillodedeus@yahoo.com.br](mailto:danillodedeus@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Vinculada ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA. Email: [simeyfurtado@hotmail.com](mailto:simeyfurtado@hotmail.com)

<sup>4</sup> Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA. Email: [waynerandrade@gmail.com](mailto:waynerandrade@gmail.com)

<sup>5</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Prof-Filo/UFMA, departamento de Educação II ([ar.bianchini@ufma.br](mailto:ar.bianchini@ufma.br))

of the construction of an environment favorable to philosophical teaching, through the search for the experience of otherness, through the concept of Empathy proposed by Edith Stein (1964), and as a consequence of this movement toward the experience of the Other, philosophical teaching that motivates students with the enthusiasm of philosophical experience. We also propose, in this article, to think about the advances in the teaching of philosophy, in light of the use of new information and communication technologies. Whereas, in the context of modern social relations, the internet is, or becomes, an important tool in the construction of these new experiences.

**Keywords:** Teacher Formation. Philosophy Teaching. Social Relationship. ICT.

## Introdução

O presente trabalho visa apresentar um panorama sobre as dificuldades enfrentadas no ensino de filosofia, a partir das experiências de professores-pesquisadores da educação básica. Temos como objetivo analisar a relação de ensino-aprendizagem através de diversas perspectivas, tais como o reconhecimento dos professores e sua condição de educadores, assim como, a utilização de meios tecnológicos como motivadores da autonomia discente.

O ensino de uma educação para o pensar deve favorecer uma formação para a vida cidadã. A análise das relações em sala de aula deve visar o conceito de vivência empática, a partir de uma proposta de intervenção metodológica, por meio de oficinas de leituras que proporcionem a experiência filosófica-fenomenológica ao estudante. Assim, se faz necessário discutirmos, a partir de algumas perspectivas, como a da formação inicial de professores, da educação para o pensar, das relações interpessoais dos discentes e das novas metodologias de ensino.

Sendo assim, a formação inicial dos professores de filosofia é fundamental no desdobramento de sua prática, pois, como reflete Cerletti (2009), o professor de filosofia é construído dentro de uma academia e sob o processo de uma vida acadêmica, e é essa formação que, inicialmente, será o motor para a vivência em sala de aula, e não um fantasma a assombrá-lo, se a teoria for divorciada de sua prática, como pontua Ulhôa (1988).

No que se refere à educação para o pensar, tomamos como base o pensamento de Arendt (2016), que nos revela o seu olhar sobre a educação, considerando que o desenvolvimento da capacidade de pensar nas escolas nos previne de práticas humanas catastróficas. Segundo a filósofa, muitas crianças encontram-se abandonadas no mundo pelos adultos. Para ela, os seres humanos participam de uma modernidade que não possibilita qualquer tipo de segurança para com os mais jovens na sociedade, já que muitos adultos, principalmente os professores, não assumiram de fato a responsabilidade pelo cuidado dos mais novos.

Diversas crianças não possuem sequer segurança para ir à escola, parecem estar abandonadas no planeta pelos adultos. Para a filósofa, a educação na modernidade não cumpre o papel de proteger os novos e inseri-los no espaço público, lugar daqueles que já se encontram educados. Surge então um novo problema: como acontecem as relações interpessoais destas crianças?

De que forma poderíamos alcançar a sensibilização dos estudantes, ao mesmo tempo em que lograríamos fugir dos estereótipos da disciplina filosofia, criando um ambiente novo e propício para a atividade filosófica? Um modelo possível de intervenção tem como base o conceito de empatia proposto por Edith Stein (1964). Surge daí a ideia das oficinas filosóficas: momentos de encontro entre o grupo de participantes da pesquisa para a ‘leitura de textos’ filosóficos músicas, contos, trechos de livro, cartas, notícias, filmes, voltados a providenciar a experiência da vivência da empatia no grupo. Ressalta-se que existem também metodologias virtuais que servem para motivar os alunos durante as aulas de filosofia, neste sentido, nos propomos a usar as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação).

Neste trabalho, lançamos mão de algumas categorias, das quais podemos destacar a motivação e a autonomia. Para haver motivação é necessário que haja a necessidade, a vontade e o querer fazer. Já que pensar em autonomia, como é apontado por Kant (2002), seria dar liberdade ao outro para que este possa deixar de ser tutelado por outrem e passe a agir por si mesmo.

### **As dificuldades do ensino de filosofia começam na formação inicial**

Os centros de formação de professores são articuladores entre a formação inicial e a prática docente dos licenciados em filosofia? A formação docente ganhou, nos últimos anos, um espaço de relevância nas discussões político-educacionais, pois é a partir da construção nesses centros formadores, que emergirá a figura do profissional que irá atuar nas salas de aula, já que o educador “conjuga o saber teórico com a prática da educação” (ULHÔA, 1998, p. 188).

Assim, a formação inicial dos professores de filosofia é fundamental no desdobramento de sua prática pois, como reflete Cerletti (2009), o professor de filosofia é construído dentro de uma academia e sob o processo de uma vida acadêmica, e é essa formação que, inicialmente, será o motor para a vivência em sala de aula, e não um fantasma a assombrá-lo, se a teoria for divorciada de sua prática, como pontua Ulhôa (1988).

A formação docente é um processo e, como tal, é uma sequência que deve ser organizada para uma vivência, e não como uma desarticulação entre o apreendido e o ensinável. “O professor novato sente-se desarmado e desajustado ao constatar que a prática real do ensino não corresponde aos esquemas ideais em que obteve a sua formação” (ESTEVE, 1999, p. 109). Só há professor de filosofia se houver intenção ao ato de ensinar e para o ensinar, já que ser professor de filosofia é tecer os acúmulos de saberes apropriados e transformá-los em saberes-ação.

Ensinar é compromisso. Parece-nos que essa afirmação nos é internalizada em toda vida acadêmica como fazendo parte de nossa essência profissional quando escolhemos a licenciatura, que a dimensão para pensá-la não se faz tão necessária, aparentemente. Entretanto, qual é o nosso compromisso questionador quando estamos mergulhados nas práticas cotidianas em nossas aulas semanais?

O ensino de filosofia deve provocar o desejo do saber. Lançar um olhar questionador no ambiente na qual se efetiva o ensino filosófico é fundamental e, conseqüentemente, salienta a sua prática inerente, assim, é de veras que “o perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do ensinar filosofia” (CERLETTI, 2009, p. 20 – 21). O mister de ensinar filosofia não pode desvincular-se do próprio exercício original do fazer-se pensamento filosófico e urge aos professores perceberem-se ativos nesse processo. As aulas precisam ser uma troca de olhares mais atentos e minuciosos aos paradigmas, não apenas com o intuito de um descarte ou sobreposição de ideia postulada, mas também para dimensionar como essas ideias podem participar do presente e/ou pertencerem ao futuro enquanto relação com o mundo. O professor necessita pensar e estimular pensamentos, a partir de problemáticas que fazem correlações e sentido ao seu mundo e dos seus alunos, fomenta Cerletti. Por outro lado, temos a perspectiva do papel do ensino na construção de um pensamento crítico do discente.

### **A formação cidadã a partir do desenvolvimento do pensar**

As informações que serviram de estrutura para a história da humanidade passaram por perdas, que resultaram em crises neste mundo em que fomos inseridos através do nascimento. A falta de acesso às informações do passado criou relações problemáticas de convivência entre os homens, resultando em atitudes descuidadas no espaço comum, do qual todas as pessoas fazem parte e no qual desejam ter o seu bem-estar zelado.

Compreende-se que o aprimoramento da capacidade de pensar é imprescindível na sociedade. Uma educação que possibilite a formação de cidadãos pensantes, em seu sentido originário, é uma proposta necessária, já que fazemos parte de um mundo no qual o bem-estar público não está sendo cuidado.

Atualmente, a passagem das novas gerações pelas salas de aula não lhes possibilita fazerem parte, no futuro, de um espaço público compartilhado por outras pessoas que interagem através de relações harmoniosas. A escola não consegue mais contribuir, através de sua prática, para a construção da cidadania dos jovens, já que ela não forma indivíduos preparados para ocupar o espaço público, fazendo o uso adequado dos gestos e das palavras.

Os seres humanos participantes do espaço público deveriam enriquecer esse ambiente com pensamentos e atitudes que possam promover o bem-estar coletivo. É notório saber que a proposta de educar os estudantes, muitas vezes, perde o seu significado na modernidade, uma vez que não temos um ensino comprometido com a formação daqueles que futuramente irão estar presentes em um espaço que deva ser compartilhado mutuamente por todos, contribuindo, assim, para que a responsabilidade a ser assumida por cada um diante do mundo não venha a ser manifestada.

O pensamento de Arendt (2016) é traçado a partir de suas próprias críticas sobre a modernidade, onde as falas educacionais, ao se posicionarem ao redor de finalidades como a “ampliação de competências”, a produção de “capital humano” ou a busca de uma “educação individualizada” diminuem o preparo educacional. A educação seria a compra de uma posição mais elevada na sociedade se transformando em um valor privado. Assim, Carvalho (2007) comenta que a aquisição desta pressupõe:

[...] um meio circulante mediante o qual se compra uma posição mais elevada na sociedade ou se adquire um grau mais alto de autoestima. Nesse processo, a educação se transforma em um valor privado, que, como outro valor qualquer, não passa de um valor de troca. Assim concebida, ela acaba por perder uma faculdade que era originalmente peculiar: a de iniciar os novos em mundo comum e público de heranças simbólicas e realizações materiais (CARVALHO, 2007, p. 17).

Nesse sentido, é indispensável compreender o valor de ensinar os educandos para que possam fazer parte da esfera pública, concretizando as modificações imprescindíveis no mundo através da capacidade de pensar. Através do pensamento, os estudantes podem distanciar-se de atos violentos, que têm afligido várias escolas, entre eles o desrespeito, as intimidações e as agressões físicas e verbais. A utilização da capacidade de pensar de maneira aprimorada pelos

jovens, possibilita que evitemos desordens que possam pôr em risco a convivência daqueles que algum dia irão participar do espaço público. Assim, como escreve Correia (2007), é possível compreender que:

(...) os maiores malfeitores são aqueles que não lembram porque nunca pensaram a questão, e, sem lembranças, nada consegue detê-los (...). O maior mal não é radical, não possui raízes, não tem limitações, pode chegar a extremos impensáveis e dominar o mundo todo. Ainda assim, podemos aprender com Sócrates que um modo de experimentar o pensamento, como uma atividade reflexiva, pode ter alguma relevância para considerarmos a possibilidade de algo que possa evitar o mal (CORREIA in apud Arendt, 2007, p. 50).

Segundo Arendt, não é adequado falarmos em seres políticos na atualidade se perdemos o verdadeiro significado da palavra política no mundo. O pensamento de Arendt nos revela o seu olhar sobre a educação, considerando que o desenvolvimento da capacidade de pensar nas escolas nos previne de práticas humanas catastróficas. Segundo a filósofa, muitas crianças encontram-se abandonadas no mundo pelos adultos. Para ela, os seres humanos participam de uma modernidade que não possibilita qualquer tipo de segurança para com os mais jovens na sociedade, já que muitos, principalmente os professores, como já citado, não assumiram de fato a responsabilidade pelo cuidado dos educandos devido não terem tido anteriormente uma formação adequada.

Diversas crianças não possuem sequer segurança para ir à escola, parecem estar abandonadas no planeta pelos adultos. Para Arendt, a educação na modernidade não cumpre o papel de proteger os novos e inseri-los no espaço público, lugar daqueles que já se encontram educados. Como comenta Arendt:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2016, p. 247).

Para Arendt, uma educação que não busque preparar os recém-chegados no planeta e desenvolver uma identidade de cuidado e transformação da realidade, possibilita danos ao espaço público, pois o cuidado que deveria ser assumido pela humanidade não se torna visível,

fazendo com que deixemos a nossa morada comum em risco. Percebemos então que a falta de comprometimento em guiar os novos no mundo se dá pelo fato dos adultos não terem sido ensinados de maneira apropriada pelas gerações anteriores. Logo, inexistente para eles uma responsabilidade pelo mundo do qual fazem parte.

[...] quando o homem aparece em sua condição de recém-nascido, com a possibilidade de dar início a algo totalmente novo, já encontra um mundo baseado na autoridade do adulto e repleto de significações (SILVA apud in Arendt, 2006, p.166).

O governo deve cuidar da esfera pública e da esfera privada, pois a educação possui extrema importância para o desenvolvimento do pensar e do agir dos seres humanos, uma vez que influencia na formação daqueles que serão futuros cidadãos. Os jovens necessitam saber qual postura deverão assumir ao participarem das duas esferas (pública e privada), sendo a escola a ponte que possibilita aos educandos serem instruídos para viverem no espaço público, sem deixar de ensinar, também, a importância da vida privada e como vivê-la.

Existem crianças que, na própria escola, encontram-se em situações desconfortáveis em relação às outras crianças. Isso é resultado do conflito entre o lar (espaço privado) e a escola (espaço público), entre o preconceito familiar e a posição da escola. Devido a discriminação não se encontrar escondida no campo social, provocando a eliminação da autoridade dos pais e professores, troca-se a autoridade dos mais velhos pelo julgamento público dos estudantes “(...), que não têm nem a capacidade nem o direito de estabelecer uma opinião pública própria” (ARENDR, 2004, p. 281).

O não acesso aos elementos existentes na tradição, entre eles, o próprio conhecimento filosófico, possibilitou que fosse gerada nas pessoas a falta de convívio entre si. Várias escolas não possuem condições que permitam o aprendizado dos estudantes e, com isso, a ampliação da capacidade de pensar, o que nos separa das más ações.

O desenvolvimento da capacidade de pensar tem que ser realizada dentro das escolas. Os professores precisam entender que é através do contato e da valorização dos conhecimentos do passado que poderemos educar cidadãos para a reconciliação com a sua morada (que é o mundo), que está marcada por inúmeras tragédias, derivadas da carência do pensar entre os seus vários habitantes. No que diz respeito à responsabilidade assumida pelo professor para com o mundo temos:

Na educação, essa responsabilidade pelo mundo assume a forma de

autoridade. A autoridade do educador e as qualificações do professor não são a mesma coisa. Embora certa qualificação seja indispensável para a autoridade, a qualificação, por maior que seja, nunca engendra por si só autoridade. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo. Face a criança, é como se ela fosse um representante de todos os habitantes adultos, apontando os detalhes e dizendo à criança: - Isso é o mundo (ARENDDT, 2016, p. 239).

A nossa morada precisa ser restaurada e conservada para que tenhamos um ambiente seguro e hospitaleiro para os recém-chegados no mundo, distanciando-nos das anormalidades emergentes na modernidade e nos proporcionando o alcance do “Amor Mundi”, o cuidado com o mundo, que necessita ser preservado e renovado para as futuras gerações.

Possuímos um espaço público onde não há mais o desejo dos homens em preservá-lo. O que se enxerga no mundo moderno é o não entendimento do cuidado dos homens para com a sua morada comum, criada pelos indivíduos para que possam demonstrar sua existência utilizando-se do pensar e do agir. O que predomina no mundo moderno é a discórdia entre os homens, ocasionando várias tragédias, em vez da coletividade, que possibilita, através do agir e do pensar, a reconstrução do nosso planeta e a sua preservação para as gerações vindouras.

O agir e o pensar são essenciais para que tenhamos acesso à experiência política que marcou no passado a história da humanidade e que agora, por causa da crise da tradição, parece ter abandonado seu verdadeiro sentido, dando espaço para a eliminação do homem político moderno, uma vez que os seres humanos não têm mais incorporado à sua vida diária o significado tradicional da palavra “política”, que foi de grande relevância na Grécia Antiga.

A tradição, numa das imagens pelas quais Arendt a apresenta, é o testamento que acompanha o tesouro legado pelo passado ao futuro. Cabe a um testamento selecionar os valores a transmitir, transmiti-los propriamente aos herdeiros – ou impedir que se percam por falta de quem os preserve, e ainda dizer porque se trata de valores preciosos. Tais são precisamente as funções que nossa autora atribui a tradição. Esta seleciona nas experiências de cada geração o que há de mais precioso a ser preservado, salva-o da ruína do esquecimento, conferindo-lhe inteligibilidade – e transmitindo-o ao futuro (FRANCISCO, 2007, p. 34).

A escola necessita resgatar o valor dos conhecimentos existentes na tradição, buscando fazer com que os estudantes desenvolvam a inclinação para o pensar, a partir do contato com os mais variados tipos de informações, para que, no futuro, possam ingressar no espaço público dotados de atitudes que proporcionem o bem-estar de todos.

“Tempos Sombrios” é a expressão moderna referente à ausência de diálogo e de



desmoralização entre todos aqueles que deveriam cuidar do mundo. Tal crise nos mostra acerca da necessidade de renovação do mundo para que as futuras gerações possam viver, integralmente, em um ambiente onde o “Amor Mundi” foi alcançado por seus antecessores. Educar para o pensar torna-se, nesta conjuntura, um comprometimento a ser defendido por todos os indivíduos.

Ressalta-se sobre a importância do papel do professor como profissional socializador dos conhecimentos no ambiente criado pelos homens para que possam ser educados. Distanciando-se, assim, aqueles que forem bem-educados, de práticas que os separem de seus iguais, como o desrespeito ou qualquer tipo de violência praticada por crianças e jovens em idade escolar e que não obtiveram a capacidade de pensar desenvolvida.

### **A urgência da experiência empática no processo de ensino-aprendizagem**

Com o advento das novas tecnologias de comunicação, surge um meio de vida social que se caracteriza pela intermediação da tecnologia. Como sintoma dessa mudança na vivência humana, notamos um aumento no individualismo e progressivo afastamento da busca pela experiência do outro. As recentes conquistas tecnológicas modificaram o modo de ser do humano, encontrando seu ápice na popularização da internet e em sua onipresença nos aparelhos atuais. Foi com a internet e suas redes sociais diversas que a humanidade encontrou o ópio da contemporaneidade, a fonte de prazer individual onde é possível viver a vida ideal de prazer e beleza, mantendo-se longe das dificuldades. Nestes meios de relacionamento, a alteridade tem seu fim, pois não é possível relacionar-se com o outro, mas somente com as facetas que ele permite que sejam demonstradas, com suas experiências de vivência escolhidas para melhor decorar seu perfil e embelezar sua vida. Mais grave: como trata-se de um relacionamento intermediado, que ocorre por meio de dispositivos de comunicação, nos é negada a experiência da presença do outro, que serviria de fonte de sua individualidade e experiências. Resta somente a vivência vazia de um ser virtual totalmente distante do seu Eu original, real. Tais fatos apontam para uma movimentação do foco das relações, antes centradas no rosto, na corporeidade, em uma presença física do Outro, para um modelo de relação centrada na aparência na fotografia, no incorpóreo, no virtual, no irreal.

Em paralelo temos o problema do ensino de filosofia, que na função de disciplina escolar ainda se encontra deslocada desse ambiente e é muitas vezes estranha aos estudantes enquanto prática que pode auxiliar em sua vida cotidiana.

Husserl (2014) defende que a filosofia é estado natural do desenvolvimento do espírito humano, nesse sentido, a humanidade não é europeia, mas o modelo de ser europeu é adotado por grande parte da humanidade, pois a Europa é filosófica. Em nossos dias, a tecnicidade e prática tem retirado do homem a capacidade e a necessidade da contemplação de seu eu próprio. A educação tem se voltado para estas questões do ‘saber fazer’ e afastando-se das capacidades contemplativas. Uma percepção comum dos professores de filosofia é de que há uma desconexão entre os conteúdos e objetivos da aula de Filosofia com a realidade – situações, experiências, problemas e conhecimentos – de cada aluno. A ‘filosofia escolar’, em diversos momentos, não parece se comunicar com a individualidade do aluno, dado o grande número de alunos por turma e a carga horária ínfima, que não permitem ao professor a oportunidade relacionar-se com os estudantes de forma a experienciar a alteridade na totalidade, conhecê-los pelo nome, ter ciência de suas dificuldades, etc.

Para Edith Stein (1964), Formação é o processo de crescimento e posse de uma forma, que procede do interior do ser, e necessita de ajuda para que a pessoa se torne aquilo que nasceu para ser (SBERGA, 2014). A Pessoa, portanto, só pode se formar enquanto indivíduo, atingir a plenitude de seu desenvolvimento, se possuir a ajuda necessária que dentro só poderá encontrar em uma comunidade, sendo responsabilidade da comunidade ajudar a Pessoa a tornar-se aquilo que ela deve ser. Uma relação semelhante ocorre no sentido oposto, a comunidade só alcança o resultado que pode alcançar e, por consequência, se torna mais apta a colaborar com o desenvolvimento dos indivíduos, se seus membros alcançarem sua formação pessoal. Se, por acaso, um indivíduo não encontra o apoio necessário para seu desenvolvimento na comunidade a que pertence, o terreno apto para desenvolver os dons que poderiam ser úteis a esta comunidade, é pelo fato de a comunidade não ter alcançado seu maior estágio de desenvolvimento, o resultado que poderia alcançar.

A ideia fenomenológica de Empatia (*Einfühlung*) surge na obra de Husserl, mas sem ser desenvolvida em um primeiro momento, cabendo a uma nova reflexão o aprofundamento deste conceito. A importância da Empatia para a Fenomenologia está na demonstração de que a redução pela *epoché* não levará ao solipsismo extremo. O desenvolvimento do conceito se dará finalmente na tese de doutoramento de Edith Stein, aluna e assistente de Husserl. Apesar de ser retomado por Husserl posteriormente, é segundo o desenvolvimento de Stein que se fundamentará nossa pesquisa. A Empatia tratada aqui precisa ser diferenciada do lugar comum do conceito, que identifica a Empatia como simpatia ou compaixão. Para esta diferenciação, pode ser útil a utilização de outro termo em substituição à palavra empatia, como Entropatia ou

Intropatia, que referenciaríamos melhor o movimento em direção ao Outro que é descrito por Stein em seu texto.

A centralidade do conceito se dá pela afirmação de Edith, herdada de Husserl, da necessidade da Empatia para a construção de um conhecimento seguro, pois é somente ao partilhar e receber a forma como as coisas parecem para nós e para os outros que será possível ter uma base mais confiável da verdadeira natureza do que é observado. Assim, para a construção de um conhecimento filosófico em sala de aula é necessário a atuação da turma como uma comunidade que partilha e incentiva o estudante a compartilhar seu entendimento sobre o mundo e a escuta da partilha dos colegas, configurando a turma em uma comunidade que ajuda o desenvolvimento do indivíduo, atividade que só tornasse possível pela vivência da empatia. Ao abordar tal conceito buscamos responder às perguntas: “De que forma pode colaborar o ensino da Filosofia para tornar o humano mais humanizado?”, “Quais as vias para uma educação para a vivência da empatia?”, “Seria a Filosofia capaz de levar o estudante à percepção e vivência da empatia?”. Uma via de solução ou atenuamento possível de tais dificuldades, que surge como proposta de intervenção metodológica, é o planejamento de aulas no sentido de um ensino da filosofia que se volte e tome como base a experiência do outro, a empatia, e para a compreensão dos motivos constitutivos do outro, através da prática de ensino já estabelecida e de oficinas filosóficas, onde os estudantes poderão experimentar a face “prática” da filosofia pelo uso de diversos meios, sejam filmes, textos, debates, literatura, entre outros.

### **Ensino de Filosofia: avanços a partir da inserção das TIC**

Apesar de todo o exposto, não temos apenas dificuldades, mas também avanços no ensino, como as novas metodologias motivadoras para o ensino de filosofia. É nesse sentido que nos propomos a usar as TIC. Com o propósito de refletirmos sobre as possibilidades de uma aproximação pedagógica sobre o ensino de Filosofia e o uso das TIC, neste trabalho lançamos mão de duas categorias que compreendemos ser importantes: a motivação e a autonomia. Conforme apontam Aguiar e Ozella (2013), para haver motivação é necessário que haja a necessidade e a vontade. De acordo com os autores, as “necessidades estão sendo entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vista a satisfação, dependendo das suas condições de existência” (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 306). Ou seja, para que o processo de ensino se caracterize como uma atividade de aprendizagem é

necessário que as ações pedagógicas propostas despertem a necessidade dos alunos, a partir do seu contexto social e existencial.

Entendemos que inserir as TIC nas aulas de filosofia na educação básica, em especial no ensino médio, possibilita ao docente organizar as ações pedagógicas, de forma que elas permitam um espaço para que diferentes caminhos possam ser trilhados pelos discentes, já que um dos grandes fatores de motivação dos adolescentes, na atualidade, se encontra nas chamadas redes de relações sociais, no *ciberespaço*. Tendo-se em vista que, no contexto das relações sociais modernas, a internet é, ou se torna, uma importante ferramenta na construção dessas novas vivências. As redes sociais midiáticas passam a constituir um espaço mediador para o processo de ensino e aprendizagem, tornando as aulas de filosofia mais dinâmicas e motivadoras para despertar a autonomia discente. Na mesma linha de raciocínio, Kant (1999) pensa o processo de educação.

Traçando um paralelo com a nossa realidade, tais ideias podem ser atualizadas no sentido de pensar a cidadania, afinal, precisamos, pôr em prática a questão disciplinar para não nos tornarmos animais. O filósofo de Königsberg propõe que a educação está diretamente ligada à cultura. Assim, quem não tem cultura de nenhuma espécie é um bruto; quem não é disciplinado ou educado é um selvagem. Ele caminha em uma direção em que o processo de educação acaba passando por processos de evolução.

Talvez a educação se torne sempre melhor e cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção a um aperfeiçoamento da humanidade, uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação (KANT, 1999, p. 16).

Kant entende que a educação é uma arte que precisa ser aperfeiçoada de uma geração para outra. Desse modo, podemos ver a possibilidade de inserção das tecnologias de informação e comunicação como esse caminho para o aperfeiçoamento do ensino. A arte da educação ou da pedagogia deve, portanto, ser raciocinada. Kant comenta:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. De posse dos conhecimentos das gerações precedentes está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daqueles, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (KANT, 1999, p. 19)

Como é apontado por Kant (2002), pensar autonomia seria dar liberdade ao outro para que este possa deixar de ser tutelado por outrem e passe a agir por si mesmo. No âmbito desse

trabalho, compreendemos que as TIC, em especial as redes sociais midiáticas, dariam essa possibilidade para o professor pensar sua prática pedagógica.

Ademais, com uma mudança de paradigma na educação, sendo trazido para a contemporaneidade um ensino centrado no aluno, caracteriza-se uma metodologia que se coaduna com a forma de utilização pelos estudantes das chamadas redes sociais. Nessa direção, podemos destacar como possibilidades o uso da plataforma Edmodo<sup>6</sup> como uma rede social que poderá permitir a construção dessas atividades colaborativas, a exemplo da produção de vídeos, fóruns, assim como, também, o uso da ferramenta CMAP TOOLS<sup>7</sup>, onde os alunos constroem Mapas Conceituais colaborativos, estimulando-os a pensarem por si mesmos.

Por meio dessas ferramentas, os estudantes criam uma rede de contatos e de partilha de informações e de conhecimentos, que têm foco em seu perfil e são ampliados conforme surgem as necessidades de comunicação e de desenvolvimento social (MIRANDA et al, 2011). De acordo com a visão da Unesco:

Os departamentos de filosofia estão cada vez mais usando a internet e a intranet como recursos para facilitar os estudos dos alunos. Essa prática ainda não se generalizou, mas 18 relatórios recebidos (44%) discutiram positivamente a utilização desses recursos. E em três relatórios recomenda-se que os departamentos deem mais importância para o desenvolvimento de recursos da internet para o ensino (UNESCO, 2011, p. 109).

## Considerações finais

Em suma, ultrapassar a metodologia e contextualizar a realidade fazem parte da dinâmica da sala de aula ao se ensinar filosofia. Os professores de filosofia não podem colocar-se na posição de mero explicadores. É essencial para ele que se repense o contexto que cerca o ambiente da sala de aula, assim como a dimensão diagnóstica do “para quem vou ensinar”,

---

<sup>6</sup> O Edmodo é uma plataforma para o gerenciamento da aprendizagem (Learning Management System - LMS), desenvolvido por meio de computação na nuvem. O Edmodo oferece um ambiente virtual seguro para a interação da comunidade escolar. Professores podem dispor de salas de aula on-line, compartilhar conhecimentos e conduzir trabalhos. Tarefas de casa também podem ser feitas, corrigidas e comentadas no próprio Edmodo, que dispõe, para isso, de softwares integrados. As ferramentas de edição permitem ao professor inserir marcações, comentários e correções nos documentos. Além disso, os arquivos armazenados na biblioteca podem ser acessados a partir de qualquer computador ou smartphone. Os participantes podem compartilhar materiais de estudo, links, apresentações, vídeos, além de acessar tarefas, notas e avisos escolares. A parte gráfica da plataforma oferece experiência de usuário semelhante a do Facebook, é intuitiva e de fácil manejo.

<sup>7</sup> O Cmap Tools é uma ferramenta distribuída gratuitamente pelo IHMC, que a disponibiliza em conjunto com outras ferramentas com o objetivo de proporcionar ambientes colaborativos e prover os estudantes de meios de colaborar em nível de conhecimento, permitindo que os usuários construam mapas conceituais e dividam o conhecimento expresso em seus mapas com outros estudantes.

como filtro do “como poderei ensinar”, proporcionando, desta forma, uma construção coletiva de aprendizado e alicerçando a ação categórica de quão filosófica precisam ser as aulas de filosofia, pois “a responsabilidade do professor é conseguir que esse breve momento de contato com a filosofia seja significativo na vida escolar de um aluno” (CERLETTI, *Ibid.*, p. 80).

É necessário que a escola oportunize o acesso das crianças e dos adolescentes ao conhecimento filosófico, dispondo de narrativas filosóficas como recurso didático de auxílio aos professores. O ensino de filosofia nas escolas é de suma importância, visto que “Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que atrever-se a pensar, porque supõe uma maneira nova de relacionar-se com o mundo e com os conhecimentos, e não meramente reproduzi-los” (CERLETTI, 2009, p. 80)

As aulas de filosofia não devem aceitar submeter-se a toda finalidade técnico-econômica atual, do mesmo modo que não devem deixar de possuir uma unidade própria e específica da disciplina dentro das escolas. Cabe então a cada professor ser consciente de sua identidade, a partir do próprio ideal de filosofia que conhece, possibilitando aos alunos a oportunidade de poderem filosofar através de um diálogo orquestrado pela intencionalidade a qual deseja transmitir. Vale destacar que a tradição não deve servir como meio para doutrinar os indivíduos que pertencem às mais diferentes realidades, tendo em vista que o pensamento deve ser livre para o surgimento das mais diferentes ideias, ou seja, a descolonização do pensar deve ser real. Sendo que o “descolonizar” não exclui a importância do contato com a história da filosofia.

Os estudantes, ao serem convidados para a leitura das narrativas filosóficas, poderão se aproximar dos personagens presentes no livro de tal modo que, através desse encontro, poderão surgir pensamentos e sentimentos idênticos ou diferentes daqueles que foram sentidos pelos personagens principais. Esse tipo de experiência sensível é algo relevante para que tenhamos um instrumento de ensino cujo contato seja atrativo e que possibilite a reflexão e a compreensão dos leitores.

Segundo Ramos (2010), os homens ao fazerem uso da narrativa expressam aquilo que imaginam e, para que possamos imaginar, buscamos visualizar narrativas que outros homens imaginaram. A leitura sobre os filósofos e os seus pensamentos nos permite entender as questões ou problemas que serviram para a tomada de seus posicionamentos em meio ao tempo que estiveram inseridos, uma vez que “[...] o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada. Antes, poderíamos dizer, que ele é um re-criador de problemas. A filosofia é filha de seu tempo e de suas circunstâncias” (CERLETTI, 2009, p.25).

A partir das reflexões feitas pelos autores apresentadas nesse trabalho, compreendemos

que o uso das TIC é uma possibilidade para que o ensino de filosofia remeta ao uso das redes sociais midiáticas como canal de comunicação entre os alunos e que se concretize a ideia de uma ágora virtual, conforme pressupõem Lemgruber e Torres:

O computador/internet torna-se uma nova praça pública, que, através de seus diversos programas de relacionamentos, constitui-se num lugar comum para o embate de ideias, reflexões e exposição das diferentes opiniões (LEMGRUBER; TORRES, 2010, p. 3).

Vale ressaltar também, que entre as sugestões para o ensino de filosofia, a Unesco (2011) recomenda o uso do computador e da internet como ferramentas que podem ajudar na promoção da prática filosófica, bem como a criação de uma revista eletrônica na língua local.

Desse modo, entendemos que as TIC podem trazer novas perspectivas ao ensino de filosofia, uma vez que podem propiciar um espaço para a discussão filosófica com características semelhantes às suas raízes gregas. Consideramos que os ambientes constitutivos da virtualidade podem sofrer comparação com outros lugares de mediação, participação, democracia e inclusão, a exemplo da ágora grega. A condição de professor exige um novo momento da educação escolar, em que as TIC poderão contribuir com o aluno e o professor como um instrumento para o diálogo, como um *locus* para o conhecimento científico e artístico, mas, especialmente, como “um ponto de partida para o saber, o encontro e a reflexão filosófica, que formam e transforma o homem.” (LEMGRUBER; TORRES, 2009, p. 9).

É nessa perspectiva que indicamos a plataforma *Edmodo* como uma ferramenta que poderá auxiliar na busca da autonomia e motivação, uma vez que a mesma funciona como uma rede social, onde existe a possibilidade de os alunos produzirem vídeos, músicas, fotografias, textos (ideias) e postarem suas produções para que sejam curtidas, comentadas e discutidas entre os membros da sala. Além disso, recomendamos também o uso da ferramenta online CMAP, para produção de atividades colaborativas, o que poderá estimular a criatividade dos alunos e auxiliá-los no processo de assimilação e reflexão dos conteúdos. Entendemos que, dessa forma, como colocado por Rancière (2004), o professor se torna o estopim para a produção de conhecimentos, aquele que vai possibilitar a motivação, levando os discentes à autonomia produtiva. Despertando, assim, os seus alunos de seus “sonos dogmáticos” e levando-os à *maioridade racional*. Em outras palavras, sendo aquele que indica a “floresta” a ser trilhada pelos educandos.

A convergência entre os dois pontos apresentados, o isolamento do homem de sua humanidade, numa crise antropológica-ética e a crise de identidade que a Filosofia sofre no

ensino, nos leva a refletir sobre uma solução para o Ensino da Filosofia como um itinerário para a Empatia, de forma a apontar a direção e levar o aluno a percorrer, paulatinamente, um caminho intelectual que o torne capaz de se religar à essência humana, à sua natureza social e por fim, ao amor ao Outro, apesar de suas divergências constituintes.

## Referências

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de e OZELLA, Sergio. **Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação.** *Rev. Bras. Estud. Pedagog.* [online]. 2013, vol.94, n.236, pp.299-322. ISSN 2176-6681. <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/15.pdf>> acesso em: 14 de junho de 2017.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** Tradução de Mauro W. Barbosa. 8ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 2016.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre Little Rock. In: **Responsabilidade e julgamento.** Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- BARROS, D.M.V.; HENRIQUES, S. Introdução. In: BARROS, D.M.V.et al. (Org). **Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas.** Intaead: Lisboa, 2011.
- BELLUZZO, R. C. B.; FERRES, G.G. **Tecnologias e a formação de leitores: desafios na sociedade contemporânea.** Intaead: Lisboa, 2011.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União, Poder Legislativo,** Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03?leis?19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03?leis?19394.htm)>. Acesso em: 16 dez. 2015.
- CARVALHO, José Sergio Fonseca de. **A crise na educação como crise da modernidade.** In: *Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação.* São Paulo: Segmento, 2007.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de Filosofia como problema filosófico** [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CORREIA, Adriano. **O pensamento pode evitar o mal?** In: *Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação.* São Paulo: Segmento, 2007.
- COLÉGIO JOANA D'ARC. **Edmodo, a rede social da educação.** Disponível em: <http://www.colegiojoanadarc.com.br/edmodo>. Acesso em junho de 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: 2007. Coleção Trans.
- ESTEVE, José M. **Mudanças Sociais e Função Docente.** In: NÓVOA, António. *Profissão Professor.* Porto Editora, toda, 1999.
- FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. **Preservar e renovar o mundo.** In: *Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação.* São Paulo: Segmento, 2007.
- RAMOS, Fábio Pestana. **História, narrativa e linguagens: uma filosofia da história.** Para entender a história. 2010: disponível em:



<<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2010/09/historia-narrativa-e-linguagens-uma.html>> Acesso em: jul. 2017.

GELAMO, R.P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de Filosofia?** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2010.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História essencial da filosofia**. São Paulo: Universo dos Livros, 2009, v. 2.

GOULÃO, M. DE F. **Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser professor?** Intaead: Lisboa, 2011.

HUSSERL, Edmund. **Europa Crise e Renovação: Artigos para a revista Kaizo – A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Tradução por Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. Tradução por Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006.

JANZ, B. **A filosofia como se o lugar importasse: a situação da filosofia africana**. In: CAREL, H.; GAMEZ, D. *Filosofia contemporânea em ação*. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.105-116.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?** In: **Textos Seletos**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KANT, Immanuel (1724 – 1804), **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes. 2ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H-W. (org.) **Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

KUSANO, M. B. **A Antropologia de Edith Stein: Entre Deus e a Filosofia**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

LÉVY, P. **Filosofia World: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LEMGRUBER, M.S.; TORRES, L.T. **O blog como ambiente de reflexão filosófica na escola: a nova ágora virtual**. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTOS E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2010, Recife. **Anais...** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

MIRANDA, L.M. et al. **Redes sociais na aprendizagem**. In: BARROS, D.M. V. et al. *Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas*. Intaead: Lisboa, 2011.

MIRIBEL, Elisabeth. **Edith Stein: como ouro purificado pelo fogo**. 3.ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.

MOREIRA, W. **Os colégios virtuais e a nova configuração da comunicação científica**. *Ciência da Informação*, Brasília, v.34, n.1, p. 57-63, jan./abr. 2005.

NORADI, Paulo; SAUGO, Fernando. **Esclarecimento, educação e autonomia em**

**Kant. Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 16, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/892/615>>. Acesso em: maio de 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílian do Valle – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior**. São Paulo, Paulus, 2014.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **Cmap Tools - Mapas Conceituais**. Disponível em <http://www.diaadia.pr.gov.br/> Acesso em junho de 2017.

SILVA, Cacilda Bonfim e. A implicação ética do conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt. In: **Anais de Filosofia**. São Luís, 2007.

STEIN, Edith. **On the Problem of Empathy. Trad. de Waltraut Stein**. Washington: ICS Publications, 2002.

TORRES, L. **Ágora virtual: novos rumos – primeiro ano do ensino médio**. 11 mar. 2011. Disponível em: <http://agoravirtual2.blogspot.com.br>. Acesso em: outubro de 2014.

ULHÔA, Joel Pimenta de. **O professor e sua prática**. Educação e Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Artes. Volume 12, n. 24, jul/dez 1998.

UNESCO. **La filosofía: una escuela de la libertad**. México, D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Unidad Iztapalapa, 2011. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001926/192689s.pdf>; <[http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia\\_unaescueladelalibertad\\_UNESCO.pdf](http://www.ofmx./documentos/pdf/Filosofia_unaescueladelalibertad_UNESCO.pdf)>. Acesso em março de 2015.

URSUA, n. 1. **La filosofía em el ciberespacio o el resurgir del fénix filosófico digital**. Um recorrido por el ciberespacio filosófico. *Límite*, v.1, n.14, p. 215- 237, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/836/83601410.pdf>> Acesso em: maio de 2015.